

CIDADE ABERTA

AJ00264



PEDRO MAIA

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Continua a novela do aeroporto de Vitória

Mais uma vez, o aeroporto de Vitória ocupa a mídia nacional de maneira negativa à imagem dos capixabas. Segundo matéria publicada da edição de ontem de **A Tribuna**, o jornalista Fabiano Rampazzo, que percorre aeroportos do Brasil fazendo avaliação dos serviços, classificou nosso aeroporto como o pior entre os das capitais brasileiras, denominando-o de “um bicho de sete cabeças”.

Além disso, também deixou claro que está muito distante das reais necessidades do Espírito Santo.

Pois ele está prenhe (epa!) de razão, o problema há anos vem apoquentando o governo capixaba, que não tem medido esforços para as obras do novo aeroporto decolarem.

A novela se desenrola há muitos anos, mas até agora não se vislumbra final feliz. Mesmo com a ameaça de severas punições por parte da Infraero, as obras continuam engessadas com base em razões variadas, que vão desde superfaturamento até problemas climáticos, que nunca foram bem explicados.

O consórcio responsável pela execução do projeto havia se comprometido a não parar os trabalhos sob hipótese alguma, antes do término das obras contratadas.

Porém, não mais que de repente, alegando falta de verbas que estariam retidas pelo Tribunal de Contas da União (TCU), cruzou os braços, dispensando equipamentos alugados e demitindo pessoal, deixando o canteiro de obras praticamente entregue às moscas. Por conta disso, o cronograma oficial do projeto há muito foi pro vinagre.

Mas o pior dessa balada triste é que o consórcio terceirizou grande parte dos serviços de terraplanagem, contratando várias empresas menores para executar os serviços de remoção de terra, necessários para a construção da nova pista.

Na ocasião, o próprio governador Paulo Hartung exigiu de público que as empresas dessem prioridade à contratação de mão de obra capixaba, o que foi feito com a contratação de um sem número de caminhoneiros.

Pois bem, com esse papo de falta de verbas, os responsáveis pela contratação desses profissionais não quitaram os serviços prestados e, por conta disso, centenas de motoristas autônomos ficaram a ver navios – até hoje estão comendo o pão que o diabo amassou, sem ter para onde, nem para quem apelar.

A propósito, vale lembrar que o Aeroporto das Goiabeiras, inicialmente batizado como Salgado Filho e depois Eurico Salles, sem nunca ter deixado de ser o popular Aeroporto das Goiabeiras,

esteve sempre envolvido em problemas de ordem econômica, chegando mesmo, em certa época, a ser ameaçado de intervenção federal quando o extinto Departamento de Aeronáutica Civil (DAC) foi substituído pela atual Infraero.

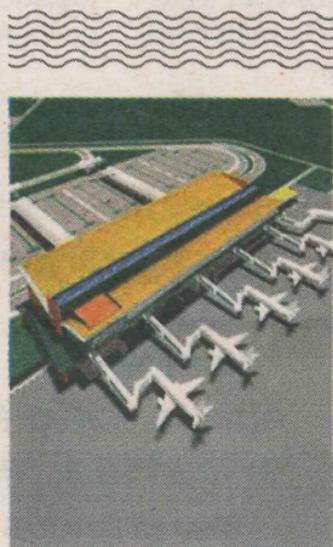
Desde os anos 50, a área física do nosso aeroporto vem sendo disputada na Justiça por duas famílias da região, os Larica e os Rato, que alegam ser as legítimas proprietárias daqueles terrenos, requisitados pelo governo durante a Segunda Guerra Mundial sob alegação de “segurança nacional”.

Vencemos a guerra, mas os terrenos não foram devolvidos,

como havia sido acordado, e a briga continua até hoje, sem que nunca tenha sido emitida sentença a favor ou contra.

E no aguardo de mais um capítulo dessa eletrizante novela o sofrido povo capixaba, que tem no turismo (cada vez mais) uma das suas mais importantes esperanças econômicas, continua a ser servido por um aeroporto arcaico, perigoso, desconfortável e muito aquém do que a nossa capital merece.

O que, convenhamos, é altamente lamentável...



Mesmo com a ameaça de severas punições por parte da Infraero, as obras continuam engessadas